

---

**BIBLIOTECA COMUNITÁRIA:  
AÇÃO ALTERNATIVA EM FACE  
DA POLÍTICA PÚBLICA  
DE LEITURA**

---

Áurea Regina Guimarães Thomazi<sup>1</sup>  
Raquel Garcia Gonçalves<sup>2</sup>  
Gilmara Cássia Machado<sup>3</sup>  
Gleice Matias Bacelar<sup>4</sup>

**Resumo:** *Este artigo relata parte de uma pesquisa sobre bibliotecas comunitárias que visam propiciar o acesso à leitura. Buscou-se conhecer os principais obstáculos internos e externos vivenciados nessas bibliotecas,*

- 
- 1 Graduada em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Federal de Minas Gerais; Especialista em Ciências Sociais Aplicadas à Educação \_ Faculdade de Educação da UFMG; Mestre em Ciências da Educação - Université René Descartes – ParisV, Sorbonne; Doutora em Ciências da Educação - Université René Descartes, Paris V, Sorbonne . Professora adjunta da Faculdade de Ciências Humanas, no Mestrado Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local, do Centro Universitário UNA e no Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais- UEMG. E-mail> aureagt@gmail.com
  - 2 Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Minas Gerais; mestre em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais; doutora em Planejamento Urbano e Regional pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional - IPPUR/UFRJ (2005). Professora Adjunta e chefe do Departamento de Urbanismo da Escola de Arquitetura da UFMG. Professora do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (NPGAU) da UFMG. E-mail> raquelgargon@hotmail.com
  - 3 Historiadora, Especialista em História e Culturas Políticas, Mestre em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local pelo Centro Universitário UNA sendo bolsista pela FAPEMIG. Doutoranda em Ciência da Informação pela UFMG, Coordenadora de Pesquisa e dos Programas de Stricto Sensu do Grupo ANIMA e professora do curso de Pedagogia do Centro Universitário UNA. E-mail>gilmara.machado@animaeducacao.com.br
  - 4 Especialização em Docência no Ensino Superior pela Universidade Estácio de Sá, Graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário UNA. E-mail>gm-pedagogia@hotmail.com

*para sua manutenção e continuidade, assim como suas possibilidades e perspectivas. Apoiou-se no referencial teórico, principalmente da sociologia da leitura e da ciência da informação, ao lado de uma pesquisa de campo de caráter qualitativo, em seis bibliotecas comunitárias. Os dados dessa análise indicam que, apesar dos obstáculos, principalmente de ordem financeira, essas bibliotecas têm se tornado uma forma de gestão alternativa diante das lacunas de uma política pública de leitura.*

**Palavras Chave:** *Biblioteca Comunitária; Ação coletiva; Prática de Leitura; Política Pública.*

## PRÁTICAS DE LEITURA COMO DIREITO E CONDIÇÃO DE CIDADANIA

**T**endo em vista a importância do ato de ler, ao mesmo tempo como direito do cidadão e como condição para uma cidadania plena, constata-se um problema no fato de a maior parte da população brasileira se encontrar privada do acesso a diversas formas de textos e das práticas de leitura.

Diante desse problema, levanta-se a questão sobre como as populações mais desfavorecidas têm se organizado e que ações têm sido desenvolvidas no sentido de socializar o acesso à leitura. Indaga-se sobre em que medida as populações privadas do acesso à informação e à leitura têm enfrentado o desafio de conquistar esse direito e ocupado esse vazio deixado pelo poder público, o que demonstra a omissão das políticas públicas.

Sabe-se da existência de diversas iniciativas que aqui são denominadas ações coletivas que buscam compensar essa lacuna e garantir, de alguma maneira, os direitos de acesso à leitura. Esta pesquisa, portanto, se propôs a investigar algumas dessas ações coletivas em torno de projetos de organização de bibliotecas e de outras práticas de leitura ou de acesso ao texto, voltadas para camadas desfavorecidas.

Entretanto, sabe-se também das inúmeras dificuldades e entraves que essas ações enfrentam desde sua criação até sua manutenção: conflitos de ordem interna e externa, de relacionamentos de articulações locais, comunitárias e às vezes com o próprio poder público, mesmo omissão. Por outro lado, existem também ganhos, avanços e conquistas que contribuem para a manutenção delas. Pretendeu-se, assim, realizar uma análise de algumas ações que estimulam e propiciam práticas de leitura, considerando o seu percurso de luta a partir de sua constituição até o momento atual. Buscou-se, sobretudo, colocar o foco no seu processo de desenvolvimento e manutenção, incluindo conflitos, obstáculos e ao mesmo tempo suas possibilidades e perspectivas. Devido ainda as escassas pesquisas sobre biblioteca, é necessário que se conheça mais sobre as práticas de leitura, sobretudo com o foco voltado para uma análise sociológica e para os movimentos sociais.

A partir de um enfoque essencialmente sociológico, esta pesquisa tratou das práticas de leitura como uma prática social e cultural e, embora não seja o caso de se estender aqui a história das práticas de leitura, vale lembrar que a leitura nem sempre foi acessível à maior parte da população. Mesmo se tomarmos a Europa como referência, Zilberman (1993, p. 12) nos mostra que apenas nos séculos XVIII e XIX “a multiplicação dos meios de reprodução mecânica difunde os bens culturais, antes privilégio de uma elite social e intelectual”, e, entre eles, o livro, o texto escrito. Ela ressalta ainda a “ampliação do sistema escolar que, começando sua tarefa pela alfabetização, propicia o aumento do público leitor e fortalece modalidades de expressão que não mais se transmitem através dos códigos oral e visual [...], mas por intermédio da escrita” (Zilberman, 1993, p. 12).

Entretanto, essa expansão das práticas de leitura revela aspectos contraditórios “quando a escolarização é promovida como condição de escalada na sociedade”, e a escola patrocina um projeto de premiação com base em “classificações e avalia-

ções [...] obscurecendo as divisões sociais que perduram” (Zilberman, 1993, p. 15). Assim, a alfabetização e a entrada no mundo letrado passam a ser símbolo de rompimento com a ignorância e com o atraso, ao mesmo tempo que expressam o ingresso na cultura dominante do colonizador.

Faria Filho (2005, p. 147) corrobora essa história social da leitura analisando as representações da escola e do alfabetismo no século XIX no Brasil e mostra que esse aspecto passa a ocupar um lugar central na sociedade, “capaz não apenas de transformar os súditos em cidadãos, mas também os bárbaros em civilizados, os perigosos em trabalhadores, os ignorantes em letrados”.

E, ainda hoje, embora a oferta de escolarização tenha aumentado, temos ainda um fenômeno denominado “iletrismo”. Segundo Le Breton (1989, pp. 16-17), essa expressão foi criada na França para designar aqueles que passaram pela escolaridade obrigatória, mas que “não chegaram a ler ao final do percurso escolar, [ou aqueles] que não tendo exercido as aquisições da sua escolaridade, pouco sólidas e insuficientemente utilizadas, desaprenderam”. Além disso, o iletrismo é sempre associado à pobreza econômica e ao desemprego.

Iletrismo será então sinônimo de exclusão, sendo visto acompanhado da pobreza, do desemprego e de outras formas de fracasso e de marginalidade econômica e social. Ainda sobre os discursos que dizem defender as “vítimas” do iletrismo, Lahire (1999, p. 96) denuncia que esses discursos não atacam os mecanismos sociais que produzem esse fenômeno, terminando por criticar os próprios “iletrados” e criando um discurso marcado pela exclusão, no qual esses indivíduos são considerados incapazes de agir e vistos como sem poder sobre sua própria existência – indivíduos que não merecem o status de cidadão e que não teriam uma vida digna de ser vivida.<sup>5</sup>

---

5 Pompougnac (1996, p. 81) segue na mesma direção dessa crítica de Lahire e afirma que ser letrado do ponto de vista do discurso dominante será considerada condição necessária para saber “viver bem” e até mesmo de “merecer viver”.

Na visão de Soares (1998), no Brasil, o analfabetismo sempre foi um flagelo maior, sendo o conceito de iletrismo ou de iletrado utilizado mais recentemente. Antes, como grande parte da população não era nem mesmo escolarizada, não fazia sentido falar em iletrismo. Somente hoje, com a diminuição da taxa de analfabetismo (estado daquele que não sabe nem ler nem escrever), começa-se a pensar nas condições daqueles que, apesar de terem aprendido a decodificar a escrita e de ter passado alguns anos na escola, não incorporaram o uso da escrita e não se apropriaram plenamente das práticas sociais de leitura e de escrita.

Portanto, é preciso que seja garantida uma maior oferta e melhores condições de produção das práticas de leitura. Na realidade, não é isso o que acontece. Sabe-se que em Belo Horizonte o número de bibliotecas escolares é bastante limitado e o número de bibliotecas públicas abertas à comunidade é menor ainda, sendo a relação de livros por habitante abaixo de zero, ou seja, alguns pouquíssimos leem, enquanto a grande maioria lê muito pouco ou nada (Vieira, 2007).

Da mesma forma, pode-se constatar que há uma tendência histórica da concentração espacial da cultura, ou seja, o acesso também é dificultado pela localização dos centros culturais de arte e também das principais bibliotecas públicas em pontos específicos, geralmente nas regiões mais centrais. Assim, o processo de exclusão socioespacial é reforçado pela concentração da cultura em alguns lugares na cidade. Independentemente de o acesso ser gratuito, a dificuldade se coloca, dentre outros fatores, em função da precariedade e do alto custo do transporte coletivo. As condições espaciais acabam, nesse sentido, contribuindo para a reprodução das desigualdades sociais e limitam o exercício pleno da cidadania.

## BIBLIOTECA COMUNITÁRIA : UMA AÇÃO COLETIVA

É nesse contexto que surgem as ações coletivas como forma de organização e de luta na tentativa de suprir essa necessidade

da qual grande parte da população se encontra privada. E as bibliotecas comunitárias surgem como uma dessas formas, como protagonistas de uma ação que deveria ser realizada e suprida pelo poder público. Prado (2010, p. 145) percebe a biblioteca comunitária como

um sujeito ativo que desempenha um papel fundamental como espaço ideal de leitura, educação, organização social, cidadania, desenvolvimento sustentável, transferência da informação, linguística/dialogismo etc., e não como um organismo voltado aos interesses exclusivos de quem a dirige.

Ao examinar algumas experiências de bibliotecas comunitárias, notadamente uma na periferia de São Paulo<sup>6</sup>, esse autor constata que “na biblioteca comunitária como território de memória, [...] o livro e a transferência da informação estarão a serviço da inclusão, melhor dizendo, da integração social autônoma na sociedade da informação” (Prado, 2000, p. 147).

Não obstante as discussões que ainda são feitas sobre o conceito de biblioteca comunitária e que são analisadas no decorrer desta pesquisa, apresenta-se aqui uma conceituação prévia elaborada por Machado (2009, p. 89), na qual a autora enumera cinco particularidades comuns a esse tipo de organização:

1. a forma de constituição: são bibliotecas criadas efetivamente pela e não para a comunidade, como resultado de uma ação cultural.
2. a perspectiva comum do grupo em torno do combate à exclusão informacional como forma de luta pela igualdade e justiça social.

---

6 O autor se refere à “perspectiva de compreensão/interpretação dos problemas que a comunidade enfrenta no seu cotidiano” na experiência de um grupo de *hip-hop* da Biblioteca Comunitária Solono Trindade, no bairro Cidade Tiradentes, periferia da cidade de São Paulo (Prado, 2010, p. 145).

3. o processo participativo gerando articulação local e forte vínculo com a comunidade.
4. a referência espacial: estão, em geral, localizadas em regiões periféricas.
5. o fato de não serem instituições governamentais, ou com vinculação direta aos Municípios, Estados ou Federação.

Essas características remetem à noção proposta por Castells (2008, p. 20) sobre movimentos sociais como “ações coletivas com um determinado propósito cujo resultado, tanto em caso de sucesso como de fracasso, transforma os valores e instituições da sociedade”. Remetem, ainda, a um dos três tipos de identidade, analisados por esse autor, denominada “identidade de projeto”, na qual os atores sociais buscam reformular e construir uma nova situação que lhes faça sentido (Castells, 2008, p. 25).

Para fins desta pesquisa, utilizou-se, finalmente, a definição de biblioteca comunitária como uma ação coletiva

que tem por objetivo estabelecer-se como uma entidade autônoma, sem vínculo direto com instituições governamentais, articuladas com as instâncias públicas e privadas locais, lideradas por um grupo organizado de pessoas, com o objetivo comum de ampliar o acesso da comunidade à informação, à leitura e ao livro, com vistas a sua emancipação social (Machado, 2000, p. 91).

Entretanto, por ser compreendida como ação coletiva, concebem-se essas ações e lutas em favor das práticas de leitura e do acesso ao texto de forma geral, num contexto de conflitos, de obstáculos e, ao mesmo tempo, de possibilidades e perspectivas de futuro e de transformação.

Os entraves e conflitos podem ocorrer tanto entre os próprios participantes do grupo organizado, como entre este e ou-

tros grupos ou instituições públicas ou privadas. Para defender seus objetivos e propósitos, bem como para sua manutenção física, objetiva e concreta, os desafios são diários e constantes. Entretanto, muitos desses grupos permanecem organizados e as bibliotecas em funcionamento. Nesse sentido, se propôs e se realizou esta pesquisa, que teve como objetivo a análise dos obstáculos e das perspectivas que essas bibliotecas vivenciaram e vivenciam do seu surgimento aos dias atuais.

## UMA INVESTIGAÇÃO COMPREENSIVA

A pesquisa realizada teve caráter qualitativo, uma vez que se propôs a conhecer conflitos, obstáculos, possibilidades e perspectivas na constituição e no processo de desenvolvimento de ações coletivas voltadas para práticas de leitura. Essa escolha visou a uma aproximação entre sujeito e objeto, fazendo com que se buscasse compreender os motivos e as intenções dos atores pesquisados (Minayo, 2004).

A amostra selecionada considerou sete bibliotecas comunitárias, identificadas a partir do levantamento de Vieira (2007). A escolha foi realizada procurando contemplar uma variedade de bairros/regiões da cidade, mas principalmente a variedade de tamanho, tempo de existência da biblioteca e seus vínculos, como sua relação com a comunidade, associação de moradores ou paróquia.

Assim, foram contemplados seis bairros de Belo Horizonte e um município da Grande Belo Horizonte, a saber: (a) Jardim Felicidade, (b) Paquetá, (c) Buritis, (d) Goiânia, (e) Alípio de Melo, (f) Maria Goretti, nas respectivas regiões: Norte, Pampulha, Sudoeste, Nordeste e Noroeste de Belo Horizonte, além de uma (g) localizada no município de Sabará.

Embora a receptividade de todos os entrevistados tenha sido muito boa, inclusive com autorização para fotografar os ambientes, ainda assim optou-se por identificá-los por meio de



nomes fictícios para preservar a identidade deles. Dessa forma, nesta pesquisa as bibliotecas são nomeadas conforme as siglas que se seguem, sem fazer correspondência com o nome dos bairros: (1)R, (2)GR, (3)B, (4)LA, (5)LCB, (6)BS e (7)SJC.

Pretendeu-se neste estudo uma análise dialética dos conflitos e possibilidades em que se encontram as ações coletivas, não somente em seus aspectos sociais, objetivos, concretos e materiais, mas também em suas determinações mais subjetivas e individuais. Para tanto foram adotadas entrevistas semiestruturadas (Trivínos, 2008).

Buscou-se aproximar da “entrevista compreensiva” um modelo que, segundo Kaufmann (1996, p. 20), pode ser utilizado “no caso das correntes que se articulam em torno da noção da construção social da realidade que recusam a ruptura entre objetivo e subjetivo, indivíduo e sociedade”. Essa escolha se deu visando compreender a lógica sob a qual cada um dos sujeitos pesquisados constrói e concebe suas práticas no que se refere à gestão desses espaços de leitura.

A análise dos dados foi realizada na modalidade de análise de conteúdo, seguindo as orientações de Bardin (1991, p. 105), tendo o tema como unidade de registro. Não obstante o fato de que as unidades de registro tenham sido definidas *a posteriori*, a partir do que foi identificado nos discursos dos entrevistados, após a transcrição das gravações, essas corresponderam, em grande medida, aos principais temas que constituíram o roteiro de entrevistas. Entretanto, as categorias em que foram criadas em cada uma das unidades de registro se basearam exclusivamente nesse conteúdo.

## O SURGIMENTO E A GESTÃO DAS BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS

Os dados obtidos a partir das 15 questões das entrevistas realizadas nas sete bibliotecas pesquisadas podem ser agrupados

em dois grandes blocos. O primeiro deles engloba o surgimento da biblioteca, ou seja, os aspectos referentes à sua origem e aos sujeitos responsáveis por sua criação. Nesse item, incluem-se ainda o motivo/finalidade de sua criação e o público-alvo. O segundo bloco trata da gestão dessas bibliotecas, de como vem sendo realizada sua manutenção, os obstáculos e as perspectivas de continuidade dessas ações. Nessa parte são tratados aspectos como os responsáveis pela manutenção, as parcerias que possibilitam a utilização do espaço físico e a renovação do acervo, bem como os recursos financeiros, incluindo as possíveis formas de doações.

## O SURGIMENTO

Visando, primeiramente, a uma contextualização, apresentam-se os motivos ou as finalidades que determinaram a criação desses espaços de leituras e, em seguida, a forma como foram criadas no sentido de destacar os atores responsáveis e, ainda, o público-alvo ou usuários de cada uma dessas bibliotecas.

## A FINALIDADE DOS ESPAÇOS DE LEITURA

Tendo em vista que todas essas bibliotecas são classificadas como comunitárias, elas visam de alguma forma compensar a lacuna deixada pelo poder público no sentido de proporcionar acesso à leitura. A diferença está no fato de que duas delas surgiram para atender preferencialmente à demanda de leituras voltadas para a pesquisa e o trabalho escolar, suprimindo um déficit das bibliotecas escolares, enquanto as demais buscaram atender a uma demanda de leitura de maneira geral, preferencialmente na área da literatura, para crianças, jovens e adultos, independente da atividade escolar, como se constata nos depoimentos que se seguem ilustrando cada uma das finalidades:

[...] os meninos vinham para a pesquisa escolar [...] a comunidade relatou a dificuldade em pesquisa escolar, a escola tem biblioteca, mas não tem uma pessoa para ajudar na pesquisa, tem muita procura e pouca oferta (LA).

[...] o foco é livro de literatura, não é nosso foco a pesquisa escolar, isso é tarefa de biblioteca escolar, já descartamos livros didáticos porque não é nossa função. Nosso público é bem eclético (SJC).

## OS RESPONSÁVEIS

Em relação aos “atores principais” que tiveram a iniciativa de criar esses espaços de acesso à leitura, encontraram-se na amostra pesquisada, de forma semelhante à classificada por Machado (2009, p. 102, 109), algumas ações de “iniciativas coletivas” e outras “individuais”, com predomínio desta última modalidade.

As histórias de criação dessas bibliotecas, embora todas tenham em comum o interesse de indivíduos ou grupos pela divulgação do livro ou textos de maneira geral, possibilitando o acesso de um maior número de pessoas à prática da leitura, possuem diferenças que merecem ser relatadas, ainda que brevemente.

Uma das bibliotecas (R) surgiu pela iniciativa de algumas voluntárias de um bairro vizinho que se preocupavam com a falta de uma fonte para a pesquisa escolar. Essas voluntárias procuraram a paróquia e a pastoral da criança e com isso conseguiram o espaço físico. Ao mesmo tempo, levantaram uma verba para a compra de livros e implantaram a biblioteca contando apenas com trabalho voluntário.

Uma outra biblioteca (GR) surgiu, segundo sua criadora, quase que ao acaso, pois, quando ela se deu conta, já havia reunido um bom acervo de livros que foi qualificado como biblioteca por uma repórter da Rede Globo. A origem dessa biblioteca se

deu porque sua mentora foi demitida de um emprego como doméstica quando a patroa a encontrou lendo à noite no seu quarto (ao invés de estar assistindo à televisão), menosprezando sua expectativa e perguntando-lhe onde acreditava poder chegar com aquele tipo de leitura. A partir desse fato, ela comprou seu primeiro livro e começou a receber doações até perceber que havia montado uma biblioteca. Desde então, ela já ajudou na criação de mais alguns espaços de leitura em outros bairros ou cidades, os quais são mantidos por outras pessoas e para os quais ela ainda presta assessoria.

A criação de uma terceira biblioteca (B) se deu por iniciativa de uma artista plástica que criou uma ONG (organização não governamental) e começou com recursos da Lei de Incentivo Cultural e doações diversas, somados a recursos próprios, principalmente mobiliário de sua própria casa, bem como o envolvimento de seus filhos na participação desse projeto.

Outra iniciativa individual (SJC) começou com uma moradora de um bairro que tinha um “sonho” de montar “um espaço dedicado à leitura em sua comunidade” na época em que era estudante de biblioteconomia. A partir daí, ela procurou outra liderança do bairro – o padre –, que, sendo uma pessoa de visão, “adorou a ideia e abraçou a causa”.

Ainda uma última biblioteca comunitária criada por iniciativa individual surgiu pela observação de um rapaz que percebeu que os clientes da borracharia de seu pai se interessavam bastante pela leitura de jornal, sendo que alguns iam lá apenas para lê-lo. A partir desse fato, mesmo inicialmente contra a vontade do pai, ele começou a deixar alguns livros ao lado dos jornais e, com o tempo, o interesse do público leitor exigiu que o acervo fosse aumentando e se diversificando.

Duas outras bibliotecas foram as únicas da amostra analisada que surgiram de iniciativas coletivas, ambas de associações de moradores. Uma delas, criada há mais de 20 anos, funcionava em local impróprio de difícil acesso e, mais recentemente, foi

revigorada e buscou patrocínios e parcerias, mas sempre ligada à associação. A segunda, também com quase 20 anos de existência, foi criada pela associação, sendo, entretanto, destacado o interesse da sua vice-presidente, uma professora de Estudos Sociais, como mentora da biblioteca.

De qualquer forma, a gestão dessas bibliotecas comunitárias tornou-se, com o tempo, mais coletiva. Não obstante o envolvimento e o empenho de uma liderança que se destaca, tratam-se de iniciativas que, pela sua finalidade, acabam sendo apropriadas de alguma forma pelas comunidades e como envolvem outros atores para viabilizar sua manutenção e funcionamento adquirem um caráter mais coletivo.

## PÚBLICO-ALVO E USUÁRIOS

De fato, nem sempre as bibliotecas são exatamente como seus criadores planejaram ou idealizaram, e, a partir do momento que elas se abrem ao público e à comunidade, uma série de acontecimentos irá definir o seu funcionamento. Assim, uma biblioteca pode ter sido pensada para atrair um público infantil e atrair mais o público adulto. Na amostra pesquisada, nota-se um predomínio de usuários na categoria crianças, como ilustram estes depoimentos:

[...] Mas o público maior mesmo é de crianças e adultos. É meio a meio, adulto e criança. Os adolescentes são mais difíceis (R).

Nosso público é mais de crianças porque os eventos são mais voltados para elas. O público maior é do bairro mesmo, moram perto. De longe têm poucas pessoas, só quem conhece [...] que acabam trazendo parente, irmãos sobrinhos, um amigo que conheceu, ou alguém que algum dia passou em frente à biblioteca, entendeu? (B).

O perfil dos usuários é variado [crianças, jovens, adultos] [...]

Depende da época, dos temas, a procura varia... (LCB).  
[...] os usuários são mais crianças de até 12 anos. Adolescente vem só para o tambor [atividade paralela]. Os arautos são mais para crianças, quando fazem 15anos ficam com vergonha. Os adultos veem bastante (BS).

## A GESTÃO

Neste item são apresentados os aspectos relativos à forma como é gerida cada biblioteca, quem são as pessoas que se ocupam das bibliotecas, que tomam conta dos livros e atendem ao público, a forma como é feita a sua manutenção, qual é o seu acervo e como ele é incrementado, bem como a relação com a comunidade, de onde vêm os recursos e que parcerias são estabelecidas para viabilizar o seu funcionamento. Este bloco termina com uma discussão sobre os obstáculos e as possibilidades de continuidade dessas ações de promoção da leitura.

## O ACERVO

Nesta amostra pesquisada foram encontradas bibliotecas com o acervo variando de 1.800 a 22.000 exemplares, sendo cerca da metade com menos de 10.000. Os gêneros à disposição do público leitor também variam, havendo algumas que oferecem até livros didáticos ou de apoio à pesquisa escolar e em contraposição as que os rejeitam. Mas o que define, em última instância, é o interesse dos leitores, ou seja, o acervo é o resultado de uma construção fruto da relação entre os que idealizam a biblioteca, do cuidado dos que a mantêm, das possibilidades de compra ou doação e também do interesse dos usuários:

[...] depois foi surgindo o livro de literatura, não só os didáticos e foi aumentando o acervo. [...] Sempre comprava procurando atender as sugestões. Hoje tem um pouquinho de cada (R).

[...] livros que os adolescentes queriam ler [...] religioso (LA).  
[...] literatura infantil, português e espiritismo são os mais procurados... Ecologia também é muito procurado... Depende da época... (LCB).

[...] acontece da gente receber livro [...] e as pessoas querem que querem que a gente fica com o livro, mas não é bem assim, tem que ter critério (SJC).

Quanto à manutenção desse acervo, é predominante a dependência de doações, mas esta varia entre os próprios moradores, sociedade civil em geral, instituições diversas, editoras e organizações de apoio às bibliotecas.

No ato da inscrição a gente pedia um livro [...] mas não era obrigatório. Algumas doações foram feitas pela prefeitura. No começo deste ano teve concurso e ganhamos livros novos, prateleiras, computadores, almofadões... (R).

[...] a biblioteca foi montada com doações [...] (B).

[...] SABIC, Sempre um Papo, Fundação Municipal de Cultura – recebemos doações de livros novos e usados (LA).

[...] 98% é de doação. As doações são feitas pelos moradores e são espontâneas (LCB).

[...] fui na biblioteca e eles me doaram os livros [...] colocaram no *Jornal Nacional* e chegou livro do Brasil todo [...] depois veio a Record, Alterosa... ganhamos muitos livros (BS).

[...] teve uma época até que veio recurso da Espanha, mas 90% é doação. Eu tenho uma articulação muito boa com editora e distribuidora de livros [...] em salão de livro, bienal, a gente vai procurando saber quem é responsável [...] (SJC).

[...] Não sei onde consigo doações, um vira e fala: vou pedir para meu amigo [...] (GR).

## RECURSOS HUMANOS E FINANCEIROS

Além das doações que mantêm o acervo, principal fonte de despesas das bibliotecas, essas precisam também de pessoas responsáveis para selecionar, catalogar e cuidar dos livros, fazer a manutenção deles, tirar a poeira, arejá-los, atender ao público, fazer os empréstimos. Há ainda uma despesa fixa com o espaço físico, com o aluguel e mesmo quando o local é cedido ou emprestado, existem despesas com água, luz, telefone, internet, divulgação, material de escritório etc.

Quanto ao pessoal responsável das sete bibliotecas pesquisadas, em quatro delas predomina o trabalho voluntário para a manutenção da biblioteca e atendimento ao público. A biblioteca R funciona há 16 anos e sempre contou com o trabalho voluntário para isso, mas a entrevistada lamentou que “[...] um tempo atrás estávamos com uma quantidade boa de voluntários, aí abríamos de manhã e à tarde, aí foi ficando raríssimo de voluntário e hoje infelizmente ela precisou fechar porque não tem mais nenhum voluntário” (R). Essa biblioteca, entretanto, já contou também com o trabalho de uma voluntária bem especial, estudante de Biblioteconomia, que se interessou pelo espaço e deu uma grande contribuição separando e catalogando os livros.

Da mesma forma, a biblioteca GR depende do trabalho voluntário da própria criadora desse espaço que sempre contou também com a ajuda de outras pessoas, seja para cuidar da biblioteca, seja para os demais projetos sociais que ela desenvolve paralelo à divulgação dos livros: “[...] sou responsável, mas todo mundo ajuda, têm voluntários que vêm de outros lugares e levam os meninos ao cinema [...]”. Ela declarou também que uma profissional formada em Biblioteconomia contribuiu voluntariamente durante um período na organização e contagem dos livros. Uma terceira biblioteca, cuja responsável é uma bibliotecária formada contratada e remunerada pela paróquia, conta também com o trabalho voluntariado, principalmente de donas



de casa para atender aos usuários: “Já tive experiências com jovens, mas eles não têm comprometimento; as donas de casa têm um comprometimento maior. Temos sete voluntárias. Cada uma tem um dia específico de ficar aqui” (SJC).

Uma quarta biblioteca, BS, conta com o trabalho de seu criador e o trabalho voluntário de sua esposa. Nenhum dos dois recebe salário por essa atividade. Além disso, conta também com o apoio de outras pessoas: “[...] têm alguns voluntários que ajudam”, pois, a partir da primeira biblioteca que criou, já surgiram mais três: uma delas denominada “Casa das Artes”, localizada na região mais central, uma segunda em um bairro menos favorecido, de vulnerabilidade social, e uma terceira no presídio municipal.

As outras três bibliotecas não contam com pessoal voluntário, mas no momento desta pesquisa possuíam recursos suficientes, oriundos de instituições parceiras ou mantenedoras, para remunerar seus funcionários.

## APOIOS E PARCERIAS

A busca por parcerias e instituições de apoio é uma constante na gestão das bibliotecas comunitárias desta amostra pesquisada. Existem as parcerias informais, como o próprio trabalho voluntário de pessoas da comunidade, doações livres de pessoas da sociedade civil, seja da própria comunidade ou mesmo de cidadãos que moram em outros bairros e que querem oferecer alguma contribuição ou que realizam trabalho benevolente. Mas existem parcerias mais formais, institucionalizadas, estabelecidas sobre bases mais estáveis, como Fundação Municipal de Cultura, Sempre um Papo, Instituto C&A e a Sabic<sup>7</sup>. Essas instituições contribuem não apenas no encaminhamento de doações de livros, mas também com material de escritório, almofadas,

7 A Sabic (Associação dos Amigos das Bibliotecas Comunitárias da Região Metropolitana de Belo Horizonte), será tratada em um breve item adiante.

computador, pagamento de funcionários. Ao mesmo tempo, esses parceiros se ocupam da formação do pessoal responsável, no sentido de prepará-los para selecionar o acervo, atender e estimular o público como um mediador da leitura, por meio de oficinas diversas, e promovendo o intercâmbio entre bibliotecas com encontros, visitas e reuniões. A contação de histórias também é oferecida nessas parcerias, inclusive para os usuários, em eventos divulgados na comunidade: “Eu sou contadora de histórias, fiz o curso pela Sabic. A Sabic tem a preocupação de formar mediadores de leitura” (SJC).

Além disso, duas das bibliotecas pesquisadas contam com o apoio da paróquia, que colabora em sua manutenção emprestando o espaço físico, assumindo as despesas de água, luz, telefone e até mesmo pagamento de pessoal. Uma única biblioteca, não obstante as parcerias, é mantida com os recursos de um centro cultural dirigido pela própria criadora da biblioteca, a qual possui um poder aquisitivo melhor e também contribui em boa parte com as despesas.

Outras citaram parcerias mais esporádicas, sendo que algumas ocorreram anteriormente ao momento desta pesquisa, entre elas: Prefeitura Municipal, Biblioteca Infantil e Juvenil de Belo Horizonte, Fundo Cristão, Prodabel e Sesc. Essas parcerias colaboram com as doações de livro e também com atividades paralelas, como concurso de redação, curso de informática e eventos culturais.

Por último, cabe ressaltar o peso da divulgação dessas bibliotecas na mídia, o que possibilita uma quantidade enorme de doações da sociedade civil. As bibliotecas que foram alvo de reportagens de televisão e jornal<sup>8</sup> foram as que mais receberam doações e que possuem os maiores, mais variados e atualizados acervos.

---

8 TV Globo, Record, Rede Minas e jornal impresso *Estado de Minas*.

## A SABIC

É importante ainda fazer um parêntesis para destacar a ação da Associação dos Amigos das Bibliotecas Comunitárias da Região Metropolitana de Belo Horizonte (Sabic), a qual foi citada nas entrevistas de cinco das sete bibliotecas pesquisadas. Embora não tenha sido o foco deste estudo, constatou-se que essa associação constitua, ao lado das diversas bibliotecas, uma ação coletiva em favor do acesso à leitura, a qual envolve diversos sujeitos sociais e que atua como suporte às bibliotecas na busca de recursos financeiros para aquisição de livros, para outras despesas e, principalmente, para a formação de recursos humanos mais qualificados no sentido de estimular e democratizar as práticas de leitura. Trata-se de “uma ONG que, desde 2005, trabalha pela ampliação do acesso à leitura e à cultura em diferentes comunidades da Grande BH. [...] Ao todo, 22 bibliotecas, de diferentes partes da Região Metropolitana de Belo Horizonte, são associadas à Sabic-BH.”<sup>9</sup>

Segundo a diretora executiva da Sabic, essa associação surgiu como um desdobramento de encontros que as bibliotecas comunitárias já promoviam para trocar experiência e discutir suas dificuldades com o objetivo de “unir forças para algo mais grandioso, por exemplo, o apoio de editais de incentivo, porque a maioria precisa de apoio financeiro”.

Sem dúvida, a “união de forças” é uma estratégia que viabiliza a gestão dessas ações e facilita o acesso aos recursos, pois é mais difícil conseguir recursos quando não se tem um tipo de organização mais formal. Entretanto, fica um questionamento sobre até que ponto interessa para todas as bibliotecas esse tipo de associação e vínculo mais formal e se a inclusão nesse tipo de “rede” não poderia cercear as decisões e ações de algumas. Ainda que esta pesquisa não tenha colocado essa questão nas entre-

9 Extraído de: <http://polomineirodememoria.acsolidaria.org.br/index.php/sabic-bh>

vistas, percebeu-se ao final deste estudo que as duas bibliotecas que não são ligadas à Sabic parecem priorizar uma certa autonomia em sua gestão.

## A RELAÇÃO COM OS USUÁRIOS

O que mais chamou a atenção das pesquisadoras foi a relação que os responsáveis pelas bibliotecas, entrevistados nesta pesquisa, têm com o público usuário. Diferentemente das bibliotecas públicas e privadas formais, escolares, universitárias ou de outras instituições, nesses espaços chamados bibliotecas comunitárias, ainda que haja alguém ou um grupo responsável pelos livros e pelo espaço físico, destacou-se a postura desses sujeitos em favor da disseminação, do estímulo à leitura, em detrimento de outras preocupações, até mesmo da preservação do livro: “Se a criança perder o livro tem que repor, mas nada impede dele continuar vir e ler aqui” (LA).

Principalmente nas bibliotecas GR e BS, os responsáveis têm como principal objetivo fazer com que o livro chegue às mãos de pessoas que não têm acesso a ele e que essas pessoas se familiarizem com a leitura e tenham prazer com as descobertas que a leitura proporciona. Isso é confirmado com a prática de duas dessas bibliotecas, nas quais não existe controle rígido do acervo: “Eu sei que ali naquela prateleira está faltando tal livro, mas daqui um mês você volta e vai ver que ele está lá” (GR), ou mesmo quando há alguma perda: “[...] o que se perde é muito pouco, aqui cada um vem e anota ele próprio o que está levando” (BS).

## PERSPECTIVAS

Esta pesquisa, embora de caráter exploratório, confirmou em parte a “hipótese” de que o grupo de pesquisadoras possuía, ou seja, as ações coletivas em favor do acesso à leitura constituem um espaço de luta, mas principalmente de convicções e ob-

jetivos, que, mesmo diante de inúmeros obstáculos, não se deixa abater facilmente e que talvez, pelo próprio fato de já nascer em um contexto de escassez, de ausência da atuação do poder público, se construiu diante de uma realidade antes de necessidades do que de facilidades. Assim, constatou-se que a maior parte das bibliotecas desta amostra já funciona há bastante tempo, apesar de todas as dificuldades enfrentadas. A partir do momento que elas existem, já se constituem um patrimônio, e a própria comunidade não aceita abrir mão dessa conquista, pois não se trata de algo “doado” a ela, mas construído com esforço e luta.

Destacam-se, nesse sentido, as bibliotecas GR e BS, que, além do núcleo que lhes deu origem, já se desdobraram e criaram novas unidades, as quais, mesmo com a supervisão ou apoio de seus criadores, foram apropriadas por outros sujeitos da comunidade e de outras comunidades em outros bairros ou municípios. Tratam-se, portanto, de ações que não apenas deram conta de sua própria criação e manutenção, mas que também contagiaram outros sujeitos e compartilharam seu conhecimento, ampliando essa ação para espaços onde não poderiam estar pelo limite físico de tempo e espaço que se impõe a todos.

A respeito dos obstáculos, constatam-se os de ordem financeira, principalmente para manter uma pessoa no atendimento aos usuários. Quanto à gestão interna, pode ser que a pesquisa, por ter sido realizada em apenas uma visita de pouco tempo, não tenha sido suficiente para conhecer mais a fundo problemas dessa ordem. Mas, se eles existem, como é previsto em qualquer organização, não parecem ser tão importantes, pois não foram explicitados nessa oportunidade.

As bibliotecas comunitárias aqui pesquisadas são um exemplo de organizações criadas paralelamente à organização pública quem buscam suprir bens e serviços de leitura que o Estado deveria ofertar. E isso já era ponto de partida desta pesquisa. O que se confirmou aqui foram o empenho e a dedicação desses sujeitos para a manutenção dessas ações e concretização

desses objetivos e, principalmente, o gosto e a importância que eles atribuem à leitura.

## COMMUNITY LIBRARY: ALTERNATIVE ACTION TOWARDS READING PUBLIC POLICY

**Abstract:** *This paper is part of a study on community libraries which aim to provide reading access. It aims to understand the main internal and external obstacles experienced in these libraries for its maintenance and continuity, as well as its possibilities and perspectives. Leaned on theoretical background, mainly from sociology of reading and science information background, within a qualitative field research in six community libraries. The analysis indicates that despite the obstacles, especially financial, these libraries have become a form of alternative management on the shortcomings of reading public policies.*

**Keywords:** *Community Library; Collective action; Reading practice; Public policy.*

## REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. 1991. *L'analyse de contenu*. Paris: PUF, [1977] 1991.
- CASTELLS, M. 2008. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra.
- FARIA FILHO, L. M. de. 2005. "Representações da escola e do alfabetismo no século XIX. In: GALVÃO, A. M. de O.; BATISTA, A. A. G. (orgs.). *Leitura: práticas, impressos, letramentos*. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica.
- KAUFMANN, J.-C. 1996. *L'Entretien compréhensif*. Paris: Nathan.
- LAHIRE, B. 1999. *L'invention de l'illettrisme: rhétorique publique, éthique et stigmates*. Paris: La Découverte. pp. 96-97.
- LE BRETON, A. 1989. *L'Adolescent illettré*. Paris: Editions Universitaires.
- MACHADO, E. C. 2009. "Uma discussão acerca do conceito de biblioteca comunitária". *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Campinas, n.º. 1, vol. 7, pp. 80-94, jul./dez. Disponível em: <[http://scholar.google.es/scholar?hl=pt-BR&q=artigo+científico++bilbioteca+comunitaria&btnG=Pesquisar&lr=&as\\_sdt=2000](http://scholar.google.es/scholar?hl=pt-BR&q=artigo+científico++biblioteca+comunitaria&btnG=Pesquisar&lr=&as_sdt=2000)>.

- MINAYO, M. C. de S. 2004. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 23. ed. Petrópolis: Vozes.
- PRADO, G.M. A biblioteca como agente de inclusão/integração do cidadão na sociedade de informação. *Inclusão Social*. Brasília, DF, v. 3, n. 2, p.143-149, jan./jun.,2010.
- POMPOUGNAC, J.-C. 1996. *Illetrisme: tourner la page?* Baume-les-Dames: Hachette.
- SOARES, M. 1998. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica.
- THOMAZI, A. R. G. 2009. “Práticas de leitura na escola: entre a formação humana e a formação escolar”. In: COELHO, M. I. de M.; COSTA, A. E. B. *et al. A educação e a formação humana: tensões e desafios na contemporaneidade*. Porto Alegre: Artmed. pp. 113-127
- TRIVIÑOS, N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2008.
- VIEIRA, E. M. 2007. *Bibliotecas comunitárias em Belo Horizonte: atores em cena* Dissertação de mestrado (Ciência da Informação). Belo Horizonte: UFMG.
- ZILBERMAN, R. (dir.). 1993. *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto.